

ta mencionar o sábado e o Decálogo, ao lado da Bíblia e do monoteísmo). Sem radicalizar até à distorção a «perspectiva minimal» que se quis imprimir a toda a obra não se fariam afirmações como esta: «Tutta la storia dell'esodo e della conquista, dell'origine esterna e del rapporto con le popolazioni autoctone, è dunque una costruzione chiaramente 'datata' ai problemi del VI secolo, e che non ha nulla a che vedere con quelli del XII» (p. 664). Não é a ideia transmitida pela generalidade dos historiadores de Israel. Seria bom indicar os relatos dos Juizes «de carácter nitidamente mítico» (s/c) (p. 665) e ver o seu peso na imagem histórica global transmitida por essa fonte.

Não passa isto de uma sombra ténue que não chega verdadeiramente a afectar o valor da Obra, com que se regozijam especialistas e alunos universitários de Orientalística e História Pré-clássica.

José Nunes Carreira

SIMON LEGASSE, *Paul apôtre. Essai de biographie critique*, Cerf, Paris, 1991, 268 pp.

Fazer a recensão deste livro de S. Légasse, professor de exegese e de línguas orientais no Instituto Católico de Toulouse, é dar conta de um trabalho recente e prestar homenagem ao mestre com o qual este recensor fez, em tempos, a sua introdução na literatura neotestamentária e deu os primeiros passos em algumas línguas semitas, nomeadamente no aramaico.

O presente livro, tal como se precisa no subtítulo, constitui uma biografia crítica do apóstolo Paulo, da sua actividade, integrando alguma exposição do seu pensamento só como elemento imediato da sua biografia. O fio condutor dos dezasseis capítulos que constituem esta obra é o da sequência de acontecimentos que se sucedem na vida de Paulo. A psicologia que configura a sua personalidade e a teologia que exprime o seu sistema de pensamento só aparecem na medida em que ajudam a compreender os factos.

Trata-se, portanto, de uma obra de historiografia sobre esta personagem decisiva na viragem do cristianismo primitivo do seu espaço cultural primigénio judeo-palestinense para o grande mundo do Império Romano.

O carácter crítico desta biografia assenta mormente sobre o modo como vai aproveitando para cada ponto o estado e os dados das fontes (cap. I, pp. 11-21).

Entre estas fontes, avultam naturalmente algumas das cartas do próprio Paulo, excluídas outras que não terão seguramente sido escritas sob seu directo ditado ou sob sua orientação e tido também em conta o carácter pouco marcadamente biográfico da epistolografia paulina.

De todo o conjunto da literatura cristã primitiva, a fonte mais generosa em dados sobre a vida de Paulo é o livro dos Actos dos Apóstolos. E este, se bem que bastante mais biográfico do que as cartas, tem também as suas dificuldades, no domínio da crítica textual e sobretudo da análise literária.

Paulo nasceu provavelmente nos primeiros anos da era cristã, na cidade de Tarso, na Cilícia, Ásia Menor, gozando, presumivelmente também desde o seu nascimento, do estatuto de cidadão romano. O duplo nome por que ficou a ser conhecido, Saulo (Saul, em hebraico) e Paulo foi usado por ele igualmente desde sempre, para exprimir a sua dupla condição de hebreu e de romano (cap. II, pp. 23-31).

Grandes dúvidas se levantam sobre os seus primeiros anos. O facto é que o teor da sua formação e as probabilidades históricas parecem quadrar bem com um tempo razoável de estadia no ambiente palestinese e até mesmo em Jerusalém. Sobre a sua condição social e profissional e sobre a sua imagem física, os indícios existem mais ou menos concretos, mas oferecem possibilidades menos evidentes de conclusão. Era Paulo solteiro, casado ou viúvo, quando se tornou cristão? O contexto cultural judaico e os muito leves indícios biográficos deduzíveis das cartas de Paulo poderão oferecer alguma verosimilhança a qualquer das três hipóteses (Cap. III, pp. 33-46).

Não restam dúvidas de que a primeira fase da biografia adulta de Paulo está marcada por aquilo que ele próprio chama a perseguição por ele empreendida contra os cristãos, a qual parece ter-se iniciado na própria Jerusalém, ainda sem o alcance dramático que se reflecte em Act 22 e 26. Alvo preferencial dessa perseguição parecem ter sido as versões mais helenizantes do cristianismo. E é o tema da perseguição que, ou por razão de realidade biográfica ou simplesmente por motivo de construção literária, encaminha Paulo para o caminho de Damasco (cap. IV, pp. 47-56).

Quanto a este famoso ponto de ruptura na vida de Paulo, o acontecimento do caminho de Damasco, verifica-se pelos seus próprios escritos que ele assumiu o lugar de referência essencial, sem que se consiga definir com apodíctica clareza aquilo que na realidade aconteceu. No livro dos Actos, confirma-se o carácter decisivo deste momento e a sua localização em Damasco, o que dá mais probabilidade a este dado, tanto mais que Damasco não fazia parte das categorias

geográficas essenciais na literatura sobre a expansão do cristianismo primitivo (cap. V, pp. 59-69).

A esta viragem segue-se uma fase oriental da biografia de Paulo, intermédia entre o acontecimento de Damasco e as suas viagens missionárias, que ficou particularmente indefinida nas fontes de que dispomos (cap. VI, pp. 71-81).

Saindo de Antioquia, Paulo e Barnabé efectuam a primeira viagem missionária, percorrendo Chipre e algumas cidades da Ásia Menor e regressando de novo a Antioquia (cap. VII, pp. 95-109).

A enorme e importantíssima segunda viagem missionária, partindo e regressando a Antioquia e tocando muita regiões da Ásia Menor e da Grécia, sobretudo Filipos, Tessalónica, Atenas e, mais particular e intensamente, Corinto, é o objectivo dos capítulos IX e X (pp. 111-151). A estadia de Paulo e a fundação da comunidade cristã de Corinto é objecto de especial destaque. E esta viagem terá ocorrido pelo ano de 51-52 (pp. 136-139).

O «concílio apostólico», descrito no cap. 15 dos Actos dos Apóstolos, terá provavelmente tido lugar no ano de 52, em Jerusalém. Terá, assim, acontecido depois da segunda viagem missionária. Algum tempo depois, deverá ter ocorrido o incidente de Antioquia entre Paulo e Pedro, o qual marcou para Paulo o fim de uma longa utilização da cidade de Antioquia, na Síria mediterrânica, como plataforma das suas excursões apostólicas (cap. XI, pp. 153-163).

Na preocupação pedagógica de dar uma extensão não muito longa a cada um dos capítulos, a terceira viagem missionária através, mais uma vez, da Ásia Menor e da Grécia apresenta-se dividida entre os capítulos XII e XIII (pp. 165-195). Mais delimitada geograficamente, esta viagem mostra Paulo mais concentrado na actividade literária, sendo descritas as circunstâncias da redacção de cartas dirigidas aos Coríntios, aos Gálatas e aos Romanos, por sinal algumas das mais importantes do epistolário de Paulo.

O regresso a Jerusalém, depois dos aspectos entusiasmantes e quase épicos destas viagens, representa, sob vários aspectos, um balde de água fria (cap. XIV, pp. 197-213). É o intrigante silêncio sobre o que se passou com a colecta recolhida por Paulo a favor da comunidade de Jerusalém; é a dificuldade em identificar claramente os motivos da prisão de Paulo em Jerusalém, em ambiente mais judeo-cristão ou mais simplesmente judaico; é a desilusão do próprio judaísmo, que se vê ultrapassado num assunto que considera ser de sua jurisdição e o qual lhe acaba por escapar, em nome dos direitos que Paulo detém por via da sua cidadania romana.

O capítulo XV (pp. 215-235) é quase um símbolo desta libertação

de Paulo do âmbito da jurisdição judaica, transpondo a sua pessoa e as suas questões para o amplo mundo do Império Romano. O que acontecera antes com o resgate do cristianismo do círculo do judaísmo acontece agora com a própria pessoa de Paulo.

O último capítulo (XVI, pp. 237-245) expõe e procura resolver algumas dúvidas relativas aos últimos anos de Paulo em Roma. É, nomeadamente, a questão da escassez de fontes para estes últimos anos, que poderiam ainda ser mais de meia dúzia, conforme se situasse o martírio de Paulo mais cedo ou mais tarde dentro da década de sessenta. Mas alguns anos podem representar para Paulo um longo espaço biográfico, capaz de oferecer mais ou menos probabilidade à hipótese de uma sua viagem à Península Ibérica. É ainda o problema das «cartas do cativo», supostamente escritas durante este período. E é, finalmente, a incerta data do seu martírio, provavelmente durante o reinado de Nero.

Catorze mapas e outras figuras ilustram e apoiam a exposição histórica.

A bibliografia apresentada (pp. 253-256) engloba os títulos mais decisivos para a síntese aqui empreendida e que foram realmente citados ao longo do livro, porque também focam o lado histórico-biográfico da personalidade de Paulo.

Índices de nomes próprios, de temas e de autores (pp. 257-264) concluem este livro, que coloca na nossa frente uma das mais célebres personagens do primeiro século do Império Romano, na arena cultural e religiosa.

Escrito com a meticulosidade, a sobriedade e a pedagogia do mestre que é, há longos anos, nestes domínios, o Professor Simon Légasse, este livro constitui uma excelente síntese dos dados mais significativos da biografia de Paulo, construindo um percurso original de análise em capítulos que o enfrentamento crítico das fontes mantém sempre em aberto.

José Augusto Ramos

HANS-PETER MUELLER (edit.), *Babylonien und Israel: historische, religioese und sprachliche Beziehungen*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1991, 544 pp.

O presente volume, que é o n.º 633 da colecção «Wege der Forschung», pretende oferecer alguns trabalhos de entre os que são con-